

## A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO NA ACTUALIDADE

ERNESTO CANDELAS MARTINS \*

### 1- JUSTIFICAÇÃO A PRIORI DA Fª. DA EDUCAÇÃO

**P**ensamos ser de algum interesse actual para os que nos dedicamos no ensino da Fª da Educação, formular algumas questões prévias, as quais pretendemos reflectir ao longo do texto, para entender o próprio conceito e o seu enquadramento nas Ciências do saber e principalmente nas Ciências da Educação. Por exemplo, refiro-me às perguntas:

O que é a Fª da Educação? Quais as características que a distinguem de outros tipos de filosofias (p. ex., a Fª do direito, Fª das Artes, Fª da História, Fª das Ciências, etc.) ?

Necessita a educação de uma reflexão filosófica ?

Será aberrante recorrer a conceitos mais ou menos abstractos da filosofia para tratar os problemas modernos da prática educativa ? O que é que fornece a Fª, em especial a Fª da Educação, à prática educativa ?

Que limites existem, se os há, entre a Fª da Educação e a Teoria da Educação ? Que função compete à Fª da Educação no contexto das Ciências da Educação ? Que âmbitos educativos (formação dos professores) são prioritários dentro da actividade da Fª da Educação ?

Evidentemente estas questões apresentam-se como os objectivos desta reflexão, coincidindo tantas vezes nas próprias interrogações que fazemos no desejo de indagar e de afrontar a realidade educativa. Contudo esta abordagem, por razões compreensivas de complexidade e tempo será feita superficialmente.

A própria Fª parece sofrer algum descrédito nos meios sociais e camadas populares/intelectuais (vulgarmente preferimos nas nossas conversas: "... Não me venhas com filosofias", "Deixa-te de filosofias,..." , etc.), mas se para algo serve a filosofia é para dar luz/iluminar a razão onde existe confusão, isto é, como diziam os gregos "*procurar a verdade das coisas e do pensamento, quando facilmente caímos em erros*", caso contrário correremos o risco permanente de cada qual trilhar racionalmente o seu caminho sem possibilidade de encontro.

\* Docente da ESE de Castelo Branco

Lendo a "POLÍTICA" de ARISTÓTELES (Livro V, cap. 1) encontramos um texto importante para a nossa reflexão, onde se fala do tema educativo e do seu lugar na perspectiva do sistema educativo (política educativa), considerando a educação como um fim (teleológico) nas preocupações do homem:

*"... não podemos esquecer a questão de como é que a educação deve ser e como deve ser posta em marcha, porque nos tempos modernos há pontos de vista opostos sobre o exercício da pedagogia. Não há um consenso geral sobre o que os jovens devem aprender, seja em relação à virtude ou em relação a uma vida melhor, tão pouco está claro se a educação deve dirigir-se mais ao intelecto ou para o carácter da alma. O problema complicou-se pelo que acontece diante dos nossos olhos, e não estamos seguros se a formação deve dirigir-se às coisas úteis da vida ou aquelas que levam à virtude ou aos de simples adornos. Cada uma destas opiniões tem os seus respectivos partidários, e não há consenso sobre o que em realidade nos leva à virtude; variam os princípios sobre a sua essência; e se não há unanimidade no essencial, é natural que sejam diferentes as opiniões em quanto aos meios de as praticar."*

Realizando uma análise geral ao texto, parece que na nossa época há alguns pontos coincidentes com o ESTAGIRITA. Este traça um verdadeiro programa de reflexão filosófica sobre os temas educativos. Empapado nessa reflexão racional, a primeira coisa a chegarmos a acordo é sobre a noção de educação: "o que é que a educação deve ser". Não é nada fácil este propósito pelas distintas definições que damos de educação, às vezes complexas ou contraditórias (por ex., a distinção entre educação e formação). Esta tarefa é difícil de desentranhar no tecido filosófico subjacente aos seus pressupostos conceptuais. Talvez, para os poucos "amigos da filosofia" o essencial não seja o conceito, mas o pôr/aplicar na prática a acção educativa. A estes ARISTÓTELES pergunta: "mas como se realiza essa acção educativa prática (FAZER)? Mais adiante coloca o dedo na chaga da discus-

são acesa sobre a educação/ensino ou formação: ela (educação) é a meta/fim para conseguir o êxito ou não na nossa vida (educadores sofistas), em que a formação como o processo no mundo interior os hábitos intelectuais do ser humano deixa as suas pegadas no carácter virtuoso da alma. É nela onde opera a eterna problemática dos fins/metast da educação individual/colectiva, em que o filósofo grego de modo claro relaciona fins/metast/objectivos à prática. O mais grave é que os caminhos escolhidos para os conseguir são obscuros/complexos ou difíceis de concretizar.

A F<sup>a</sup> da EDUCAÇÃO trata do pensar sobre o fazer educativo. As diferenças claras ao nível conceptual do modo/forma como tratamos esse "PENSAR" pode originar uma pluralidade de filosofias da educação na actividade intelectual. A maior parte dos pedagogos/técnicos da educação devem possuir uma formação filosófica na base epistemológica das Ciências da Educação, dilucidando os conceitos centrais dessas ciências que actuam sobre a educação. Realizar uma indiferenciação da F<sup>a</sup> da Educação relativamente a outros tipos de filosofias é cair na especificidade do campo do conhecimento educativo. Parece que se nos apresentam duas grandes vertentes:

- a)- os defensores que analisam o estatuto epistemológico das Ciências da Educação, mas não a própria actividade epistemológica;
- b)- falta de identidade académica/intelectual da F<sup>a</sup> da Educação: Esta ausência de identidade relaciona-se com três situações comprováveis:
  - i)- os filósofos da educação realizam actividades intelectuais e de investigação em distintos âmbitos do saber educativo (ex., teoria da educação, tecnologia educativa, psicopedagogia, sociologia da educação, psicologia da educação, etc.), que no fundo é um tratamento especial à educação;

- ii)- (atípica) há uma identificação de conteúdos entre aqueles âmbitos de conhecimento do acto educativo e os que efectivamente correspondem à Fª da EDUCAÇÃO (Teoria da Educação é diferente de Fª da Educação);
- iii)- movimento das Ciências Pedagógicas (nível científico e tecnológico) que recusam ou põem em dúvida a existência da Fª da Educação; evidência actual para a Teoria da Educação, que justifica que "o saber da educação é um saber para o fazer, vinculado para a práxis";

As razões que podemos dar a estas situações descritas, após 26 séculos, incidem na preocupação ainda actual dos filósofos pelo "que é a filosofia ou a razão" e consequentemente "o que é o homem" que nos leva a perguntar "o que é a educação" e principalmente "o que é a Filosofia da Educação?". Outra questão importante é a falta no espaço curricular/académico do ensino superior da disciplina de Fª da Educação (poucas são as Faculdades ou Escolas Superiores dedicadas à formação dos futuros formadores que têm esta disciplina nos currículos, assim como são poucos os filósofos que se dedicam a esta actividade). Parece-me evidente que o filósofo da educação com o seu esforço intelectual não deve estar marginado/ausente da resolução ou actividades inerentes à própria realidade educativa, onde actua.

Qual é o contributo da Fª da Educação à prática educativa?  
Pensamos que:

- i)- alguns que se caracterizam por "pedagogos" consideram-se científicos/tecnólogos da educação, desprezando o próprio pensar filosófico, uma vez que a ciência pedagógica deve estar relacionada com a práxis educativa e a Fª da Educação não se identifica com essa práxis; Será correcta esta posição? - PRÁXIS;

- ii)- alguns outros filósofos da educação anunciam enunciados racionais abstractos e gerais que são de difícil corroboração ou comprovação experimental directa ou indirectamente pelos factos educativos, produzindo-se possíveis situações com supostos ideológicos/crenças não referentes à própria realidade educativa; Será correcto um procedimento "racionalidade filosófica" aplicado à educação? - RACIONALIDADE FILOSÓFICA;

Analisemos esta práxis e racionalidade:

Os gregos designavam por "práxis" o "SABER FAZER" (transacção num negócio) na acção de realizar algo útil. O termo usou-se principalmente na acção moral do homem, mas também designava actividade prática distinta da teórica. Modernamente o marxismo adoptou uma Fª da Práxis, em que a práxis humana constituía o fundamento de toda a teorização. Não nos equivocamos se afirmamos que os científicos da educação propõem que "a ciência pedagógica se relacione com a práxis educativa", isto é, que o saber educativo deve regular as acções educativas. Assim, práxis entende-se como acção humana e "práxis educativa" como "acção educativa aplicada à educação".

Que entendemos por racionalidade filosófica?

O seu significado depende do uso que lhe atribuímos, quando nos referimos a determinadas crenças, decisões, acções ou comportamentos humanos racionais ou irracionais. Pensamos entendê-la como método ou estratégia maximizada dos acertos e minimizada nos nossos erros, que em outras palavras conceptualizamos no uso de qualquer método aceite filosoficamente, como estratégia dos nossos acertos ou erros sobre a educação, referida racionalmente às nossas crenças/opiniões (= racionalidade de crença) e às decisões/acções ou comportamentos (racionalidade prática).

Sendo assim, a que tipo de racionalidade integramos a F<sup>a</sup> da Educação ?

Se a consideramos como uma racionalidade de crença, admitimos um conjunto de crenças/ideologias à volta da educação ou crenças justificáveis com critérios, por ex. acreditamos o que nos é evidente ou temos a certeza de descrever analiticamente o que percebemos/sentimos; ou acreditamos o que recordamos com clareza o que nos delegaram; ou aceitamos as justificações da nossa experiência diária ou as que foram estabelecidas de modo provisório como verdadeiras pela comunidade científica. Neste caso a F<sup>a</sup> da Educação seria um conjunto de crenças racionais, aceitando a racionalidade como estratégia do conhecimento filosófico sobre a educação, não nos parecendo correcto enunciar proposições transcendentais que não sejam justificáveis por critérios corroborados, o que nos levaria a uma F<sup>a</sup> da Educação como ideologia dogmática sem uma validade racional frente a outras filosofias da educação que intentam compreender os fenómenos educativos.

Uma filosofia da educação elaborada à margem dos fenómenos/factos educativos será emotiva, mas não estará constituída com racionalidade.

Se aceitamos uma F<sup>a</sup> da Educação com racionalidade prática, como dizia KANT: "...é a arte da educação ou pedagogia que necessita de um raciocínio, capaz de desenvolver a natureza humana para alcançar o seu destino,...Na arte da educação muda-se o mecânico em ciência: de contrário, nunca será um esforço coerente, porque uma simples conclusão poderá derrubar o que outra construiu." (PEDAGOGIA: 45), o saber educativo seria um saber prático que tem como função dirigir as acções livres do homem segundo a razão. Assim, conceptualizada a dita racionalidade como o conjunto de proposições indicadoras do "como" devem ser as nossas decisões, acções ou comportamentos educativos, necessitaríamos de saber quais as condições para que ela se dê; por exemplo:

- explorar/esclarecer/explicar os fins educação (estes são independentes no nosso projecto como "pessoa");
- conhecer os meios adequados para conseguir realizar os fins;
- poder de decisão em realizar com os meios ao nosso alcance a concretização dos nossos fins/metapostos mediatos ou imediatos;
- capacidade de pré-disposição racional de rever ou reformular o nosso sistema de fins em função das mudanças operadas, situações/circunstâncias pessoais/colectivas produzidas na realidade educativa.

Aceite a F<sup>a</sup> da Educação como racionalidade prática estamos a considerá-la como uma estratégia racional que guia as nossas acções/processos educativos, tendo o cuidado de ditar os fins a realizar segundo os meios disponíveis. Neste caso a racionalidade de crenças será uma componente da racionalidade prática, isto é, esta pressupõe a primeira, uma vez que supõe a crença(s) determinante(s) ao(s) fim(s) educativo(s) desejado(s).

## 2- A EDUCAÇÃO COMO PROBLEMA FILOSÓFICO

Ao longo da H<sup>a</sup> da F<sup>a</sup> a educação esteve sempre presente como problema filosófico. A F<sup>a</sup> estimula a reflexão e análise críticas, por isso uma das primeiras tarefas da F<sup>a</sup> da Educação será a análise da linguagem pedagógica ou educativa, uma vez que ela é um meio que permite/possibilita a dita reflexão na realidade educativa.

Este "FAZER ANALÍTICO" da F<sup>a</sup> da Educação é importante para esclarecer e aclarar linguisticamente os discursos educativos submetidos a reflexão, contudo não é só análise, mas também síntese (porquê e para quê educar?). O professor ou pedagogo

go pergunta-se pelo "como fazer" para educar correctamente ou com êxito/sucesso, isto é, "educar para quê?", "Em que consiste educar?", "Como o distinguimos da aprendizagem, do ensino, da informação, da instrução, etc.?".

Parece que actualmente a F<sup>a</sup> da Educação não "determina" os fins da educação, mas examina as finalidades educativas partindo primeiramente da própria análise da linguagem educativa. Depois de a precisar pretende relacioná-la com a prática pedagógica concreta no marco dos valores, das atitudes e da moral. Neste caso, a F<sup>a</sup> assume um papel instrumental de regulação construtiva e crítica. Partir das dúvidas, estabelecer prováveis soluções racionais que possibilitem novos modelos educativos que integrem devidamente os indivíduos na sociedade. Será uma interacção constante com a prática pedagógica que se deseja eficaz ou com sucesso. Contudo isto pode levar-nos apenas a uma "declaração de boas intenções", as quais não trazem nenhum elemento optimizador à educação.

Partindo do triângulo antropológico educacional (HOMEM-CULTURA-EDUCAÇÃO). O próprio homem fabrica cultura e educação, a cultura produz homem e educação, e esta origina homem e cultura (rede de interacções). Os gregos (séc. IV a.c.) distinguem a *paideia* (= educação) da cultura/homem, isto é da *politeia*. No período helénico o conceito educação refere já uma concepção antropológica, que separa "*anthropos*" e "*paideia*" (problemáticas do ser, poder ser e dever ser, coincidentes com a educação). A origem do conceito determina duas vertentes claras: "educação-aprendizagem" e "educação-liberdade" unidas à "natureza/meio". A F<sup>a</sup> da Educação com a sua linguagem metafísica e meta-teórica pretende compreender a educação, compreensão essa oriunda de outras linguagens/discursos da realidade educativa que explicam (de modo casual pelas Ciências e Tecnologias e descritivamente pela Teoria da Educação) e prescrevem o mesmo processo/acção educativa.

Afirmava KANT que a filosofia é a única ciência do saber que procura uma satisfação, porque fecha em si o círculo científico, dando ordem e organização às ciências. Quando nós formulamos as nossas "finalidades teóricas", estas designam-se por propósitos ou ideais educativos. Cabe à F<sup>a</sup> da Educação compreender todos os componentes (políticos) da educação, porque esta chega a possuir um poder (político, económico, cultural, etc.), uma vez que o sistema educativo forma os homens do amanhã. Parece que o filósofo se debruça sobre esse poder, promovendo um carácter crítico e a liberdade à qual a educação tem direito (constitucional/Direitos Humanos).

O discurso dos fins da educação são intrinsecamente utópicos, por serem críticos e ético-morais (as utopias caracterizam-se pela crítica da realidade existente com a intenção de proporcionar modelos distintos de sociedade). O REBOUL expressa que o "fazer educativo" explica-se fundamentalmente por essa finalidade implícita e explícita (métodos de indagação: histórico, reflexivo, análise lógico, a contrário e dialéctico). A noção de finalidade é inseparável dos procedimentos/meios. Se consideramos a educação o processo/acção e resultado, um fim/meta/meio que permite alcançá-lo, o qual equivale a afirmar que ela não tem fins externos, porque já possui em si o próprio fim (REBOUL, 1984: 134/5). Por exemplo, a aquisição do espírito científico: o aluno aprende a objectividade, comprovação, etc., mas os meios pedagógicos utilizados já formam parte do próprio espírito científico; o mesmo acontece com a participação, que não é um simples meio pelo qual os alunos trabalham em dinâmica de grupos; ela cooperativamente é já um fim educativo que os pretende formar conscientemente.

Um fim/meta apenas é educativo se for um meio pedagógico que eduque, caso contrário será um simples propósito que provoca rupturas na função educadora.

J. DEWEY propunha que a educação seja autónoma e livre em democracia, para

conseguirmos realizar os fins/metapas: "...*não há um modo de descobrir o que é mais verdadeiramente educativo, apenas através da continuidade do acto educativo. Nunca fazemos o descobrimento, porque estamos constantemente a fazê-lo.*" (DEWEY, 1968: 79)

A liberdade (processo de individualização para a colectivização) como fim da educação/meio educador, é contrário aos métodos autoritários que a adoutrinam. Podemos estabelecer vários graus de liberdade segundo a idade do educando (LEONARDO COIMBRA apresenta uma liberdade do e no homem dentro da sua dialéctica ontogenomológica), cuja cota mais elevada é a autonomia/emancipação (MARTINS, E.C. 1991), em que o educando adquire consciencialização do próprio significado da educação (formação do homem = autoeducação). As finalidades educativas do homem parecem ser a pedra filosofal da F<sup>a</sup> da Educação, dada a importância que tem para o educador. Reflectir sobre os fins/metapas educativas de modo metódico e rigoroso é filosofar sobre a educação.

A actual sociedade postmoderna (LYOTARD, J.F., 1984, 85ss: propõe um princípio de legitimidade do ensino pela performatividade) atravessa mudanças com novas estruturas/valores e modelos educativos, obrigando a F<sup>a</sup> a interrogar-se sobre o valor da educação, as possibilidades, os limites e fins da educação do homem, cuja reflexão fornece novos elementos exigidos pela sociedade. Este reflectir sobre o sentido da educação/educar é a função da F<sup>a</sup> da Educação. O seu trabalho nunca acabado realizou-se ao longo da H<sup>a</sup> da Educação, tomando-se uma autêntica dimensão filosófica projectada na formação dos educadores.

Existe uma reivindicação filosófica de uma consistente teoria da educação, que dá ênfase ao fazer técnico em detrimento da reflexão racional aplicada à análise crítica/sínteses e conquista de valores e da liberdade (racionalidade). Trata-se de uma situação que não é estranha à PEDAGOGIA que

se vê invadida por um pragmatismo tecnológico (HABBERMAS) perdendo o horizonte sem limites do PENSAR sobre a educação humana devido à impossibilidade epistemológica.

O progresso das Ciências que tratam da educação (CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO) atingiu grande envergadura neste séc. XX, desclassificando a F<sup>a</sup> da Educação numa perspectiva neo-positivista de exigências epistemológicas. G. AVANZINI (1978) afirma que a negação de toda a ideologia faz partir de pressupostos a priori da própria ideologia que nega um dos aspectos da realidade. Isto é, negar a reflexão filosófica da educação é acreditar que a "escola" é neutra, que nada influi nos seus "meios", interesses, valores e fins que pretende alcançar. Sem o trabalho crítico da F<sup>a</sup>, a actuação do educador será cega e manipulável. Ela introduz o bisturi da reflexão profunda para pôr nomes e apelidos às correntes do pensamento, aos "meios" que rodeiam os fenómenos educativos, as crenças, etc. .

Se a PEDAGOGIA não fosse uma Ciência da Educação que trata de compreender o "educar do homem", poderia prescindir da sua perspectiva filosófica. Nas Ciências da Educação devemos falar menos de objecto de investigação e mais de "objectivos", porque nos propomos formar um determinado tipo de homem ("ser homem em si mesmo"), que se vai fazendo (distintas perspectivas de orientação) através da educação e sobre um sistema de valores (G. MIALLET).

### 3. - O ÂMBITO DAS COMPETÊNCIAS DA F<sup>a</sup> DA EDUCAÇÃO

#### 3.1. - A F<sup>a</sup> da Educação: do "Querer" ao "Dizer"

A racionalidade humana resulta da adaptação evolutiva do homem aos seus "meios". A produção filosófica faz parte desta necessidade de resolver e dar soluções às nossas dificuldades. HESÍODO e os pré-so-

cráticos iniciaram um tipo de discurso chamado "filosofia" (maneira de andar na vida/enamorado do saber), mas definir filosofia é já produzir filosofias (as definições dadas do que é o "filosofar" constituem um conjunto de perspectivas de cada momento histórico).

A Fª da Educação tem o cuidado de completar as insuficiências das Ciências/Tecnologias particulares da própria educação. A actividade da "filosofia", prescindindo a análise filosófica, deve ser entendida como intencionalidade ("intentio" de BRENTANO; intencionalidade do psíquico aos problemas do "EU", da identidade/conexão e constituição dos fenómenos em HUSSERL; intencionalidade da consciência em SARTRE; intencionalidade do "ser" em HEIDEGGER; intencionalidade bíblica em LEVINAS, etc.). Atrevemo-nos a definir a Fª da Educação como esse saber racional e crítico das condições de possibilidade da realidade experimental educativa no seu conjunto (FULLAT, O., 1988: 91) (perspectiva da Fª da Hª em HEGEL), ou saber crítico da linguagem esclarecedor dos conceitos/enunciados e argumentos utilizados pelos educadores (a Fª analítica de WITTGENSTEIN do "Tractatus", AUSTIN, STRAWSON, SEARLE, etc.).

Se a Fª da Educação não é ciência/tecnologia educacional, nem Pedagogia Geral/Fundamental ou Teoria da Educação, o que é então ?

Afirmava KANT (1966: 73) que não há homem sem processo educador, em que a fª do educativo apresenta uma análise deontológica e antropológica da educação. Neste caso, propomos duas orientações básicas à Fª da Educação:

A- sobre o que "DIZ": análise lógica da linguagem ou do discurso pedagógico e da epistemologia pedagógica;

B- sobre o que "QUERE": antropológica/antropogénese, axiologia e teleologia da educação. Assim, quando potencializamos a Fª da Educação, superamos dentro do sistema educativo alguns problemas relativos aos tipos de saberes pedagógicos, que se classificam:

a)- "empeiria" = saber prático experimental da educação, saber actuar com os educandos na base do ensaio/erro (REBOUL, 1980: 68-81);

b)- "tékhne" = saber epistemológico do saber fazer, do conhecer as causas, os "porquês" das actividades e sucessos, etc. Vincula-se à tecnologia (Professor como um tecnólogo que actua com razões científicas), com um carácter globalizador e sistémico ao integrar os meios/fins do processo educativo, a flexibilidade nas acções, a criatividade, etc. Apresenta doses de "philosophia";

c)- "episteme" = saber ou conhecimento científico (hipotético-dedutivo), com componentes axiológicos, verificabilidade/testabilidade, falsificação, etc. (O'CONNOR, 1971: 34/5 e 108); trata-se do comprovar os enunciados e "assentar" conclusões. A pedagogia exigiria a modalidade cognoscitiva científica, considerando a ciência e a tecnologia numa base de racionalismo crítico (K. POPPER, M. BUNGE, CARNAP, W. BREZINKA, F. VON CUBE, etc.);

d)- "phronese" = saber fazer moral na prática, o actuar intrinsecamente do sujeito, isto é "fazer-se a si mesmo", saber decidir; é a arte de educar eficazmente com valorizações sintéticas/teleológicas. Este saber vincula-se mais às "decisões pedagógicas" que à "arte de educar";

e)- "theoria" = saber teórico normativo/descritivo, actividade do conhe-

cimento em descrever/explicar a realidade; no âmbito das Ciências da Educação este saber caracteriza a "TEORIA DA EDUCAÇÃO" (= representação conceptual), cuja temática mais importante é a acção humana;

- 1.)- "*Sophia*" = saber universal, sabedoria (ciência superior em Aristóteles) que pretende apreender o universo axiológico (= sentido da educação); o educador como "*co-agente*" do processo educativo, implicado por meios/fins, precisa de horizontes axiológicos no qual se comprometa, elabore normas de acção, juízos de valor ou decisões teóricas, etc.;

A F<sup>a</sup> da Educação será um "DIZER" peculiar sobre os factos/fenómenos educativos, determinado pelos saberes "*Theoria*", "*Sophia*" e "*Phronese*". O filósofo é um ignorante que converte essa ignorância na única sabedoria: o saber procura-se e na F<sup>a</sup> da Educação o saber é a "*vontade de saber*". Na outra orientação, ela ocupa-se do "QUERER" da educação, cuja tarefa seria a análise da linguagem do discurso pedagógico:

"... os filósofos actuais da educação, principalmente do mundo anglo-saxão, não se dedicam a formular as suas próprias teorias da educação, mas a analisar e esclarecer os conceitos utilizados no discurso educativo e a examinar os argumentos e justificações daqueles que propõem as teorias educativas." (MOORE, 1983: 111)

As linhas metodológicas da F<sup>a</sup> da Educação nos discursos filosóficos sobre a educação, apresenta:

- 1)- filosofia do "*querer*" educativo:

- a)- aspecto hermenéutico-especulativo:
- i)- reconstrução histórica: descobrir o sentido da educação na história do pensamento humano;
- ii)- construção existencial: desco-

brir o sentido da educação desde o "fazer";

- b)- aspecto descritivo-fenomenológico (circunscrito mentalmente à realidade educacional):

i )- descritivo: captar o educativo nas experiências externas;

ii)- fenomenológico: indicar o essencial da educação nas experiências internas do educando;

- 2)- filosofia do "*dizer*" educacional: neo-empirismo e analítica dos dados:

i)- corrente neopositivista: exame da linguagem ou do discurso das distintas Ciências da Educação;

ii)- corrente analítica: exame da linguagem dos educadores;

## QUAIS OS OBJECTIVOS DA F<sup>a</sup> DA EDUCAÇÃO ?

Interrogar-se pelos objectivos é perguntar-se pela direcção/sentido ou objecto do trabalho que realiza esta F<sup>a</sup>, isto é, os fins. Se a finalidade de cada F<sup>a</sup> é elaborar a teoria da formação do homem, passamos a uma PEDAGOGIA (geral ou Fundamental como afirma E. PLANCHARD, 1975: A Pedagogia Contemporânea, Coimbra Ed., 17-140). HERBART fundou a Pedagogia na psicologia e ética, P. NATORP na totalidade da F<sup>a</sup> (ética, estética, lógica e F<sup>a</sup> da religião), J. DEWEY considera que a F<sup>a</sup> entrega hipóteses operativas à pedagogia, R. NASSIF que ela é um saber autónomo que utiliza a F<sup>a</sup> como outros saberes, etc. Esta diversidade que parte da própria noção de F<sup>a</sup> determina os objectivos da F<sup>a</sup> da Educação, enquanto disciplina (ESCOLANO, A., 1978: 24/6):

- a) - análise da linguagem educativa;
- b) - indica o sentido do processo educativo (F<sup>a</sup> da H<sup>a</sup>);



- c) - mostra a estrutura educativa do homem;
- d) - explica teleologicamente as distintas pedagogias;
- e) - reflecte epistemologicamente sobre os métodos e os resultados/sucesso das Ciências da Educação;
- f) - contribui lógica-metodologicamente à relação dos modelos e processos da investigação educativa;

Parecem ser estas as funções circunscritas à F<sup>a</sup> da Educação em que a antropógenese e o "educativo" coincidem substancialmente: ser homem consiste em educar-se permanentemente.

### 3.2 - A F<sup>a</sup> da Educação como racionalidade prática ou como praxiologia educativa?

Explicámos a conceptualização da F<sup>a</sup> da Educação na racionalidade de crenças e na racionalidade prática. No caso desta recorreremos a *"testemunhos de pensadores"*:

**A - ARISTÓTELES** : na sua obra *"Ética a Nicómano"* (livro II, cap.2) indica que o homem deve aprender a ser *"virtuoso e bom"*, conhecer as suas regras teóricas e aprender a aplicá-las. As ciências práticas, saber ético e o saber da educação relacionam-se e dependem da política (Liv.X, cap.10); considera que a função deste conhecimento é a direcção das acções da vida humana, por isso, usa o termo *"práxis"* ao designar as ciências/artes da política/ética, contrastando a *"teoria"* com a *"práxis"*. Não se interroga se o conhecimento filosófico sobre a educação é ou não uma racionalidade prática, mas aborda-o no contexto político e forma ética. Assim, o saber que procura da educação tem como função prioritária esclarecer os fins e o modo de actuar (= saber prático);

**B - KANT** (1986: Pedagogia, Ed. Akal, Madrid) propõe que a arte de educar/pedagogia necessita da razão para desenvolver a natureza, por isso:

*"...a pedagogia ou teoria da educação é física ou prática. A educação física é aquela que o homem tem em comum com os animais, ou seja os cuidados. A educação prática ou moral é aquela pela qual o homem deve formar-se para viver, como um ser que obra livremente. Chamo prático a tudo o que tenha relação com a liberdade"* (1986:45).

Para o filósofo de Königsberg o saber da educação é um saber prático que tem a função de dirigir as funções livres do homem como o império da razão.

**C - Modernidade** (J. DEWEY e R. PETERS) preocupa-se em saber se a F<sup>a</sup> da Educação é uma racionalidade prática. Para DEWEY a F<sup>a</sup> supõe a aquisição de sabedoria que influi no comportamento da vida exercida pelo processo educativo de formar (pré) disposições intelectuais, afectivas, etc. A F<sup>a</sup> da Educação não seria uma ampliação externa de ideias já feitas a um sistema prático distinto, mas uma formulação explícita dos problemas da formação dos hábitos mentais/morais adequados às dificuldades da vida.

PETERS (1977:77) interroga-se pela função desta F<sup>a</sup> na prática educativa distinguindo-a da teoria da educação. Centra o seu discurso na questão dos objectivos da educação, como meio para concretizar os seus fins, por isso a F<sup>a</sup> da Educação contribui para a realização dessas metas onde surgem questões práticas.

As referências mencionadas dificilmente são discutidas. O estudo e análise da F<sup>a</sup> da Educação tem a sua função na orientação das acções pedagógicas, sempre que esclarecemos os objectivos/fins, o marco referencial dos meios mais apropriados e a

aplicação na prática. Contudo, as propostas sobre fins (objectivos/ideias/metast) podem ser gerais ou abstractas, distintas dos interesses dos agentes educativos/contextos, pelo que não sabemos se são possíveis. Assim, ficamos na dúvida se os discursos dos fins pertencem ou não a uma racionalidade prática.

### NESTE CASO SERÁ A Fª DA EDUCAÇÃO UMA "PRAXIOLOGIA EDUCATIVA"?

"Praxiologia" é a ciência (descritiva/normativa) que estuda sistematicamente as condições/normas da acção humana, o que implica analisar a ideia de "ACTO", noções do agente e o resultado, instrumento/meio/condições da acção, etc.

Podemos considerar a Fª da Educação como praxiologia?

O homem educado no processo/resultado educativo oferece, para PETERS, algumas características: qualidade de comportamento, transformação do modo de ver/entender a realidade e conjunto de acções com êxito. Quanto falamos de Ciências da Educação referimo-nos a estes âmbitos, que nos proporcionam conhecimentos do como fundamentar os processos das acções educativas. Quando falamos de Ciências Pedagógicas referimo-nos aos conhecimentos estruturados em teorias que preservam normativamente a acção educativa. Ambas, indirecta ou directamente referem-se à acção educativa.

### QUE É A ACÇÃO EDUCATIVA?

Trata-se de uma acção humana consciente ("facere" = fazer) ou intencional ("agere" = acto voluntário). Vejamos como as perspectivas psicológicas, sociológicas e filosóficas definem a "acção".

a) - perspectiva psicológica:

- i) - a acção está orientada às expectativas de futuro;
- ii) - a pessoa escolhe entre os meios/alternativas os mais adequados aos fins;
- iii) - a pessoa deve ser consciente do que "faz" (fins e meios);
- iv) - a pessoa deve prever as consequências do que intenta num sentido responsável;

b) - perspectiva sociológica (acção social): as dimensões teleológica, normativa, motivacional e simbólica.

c) - perspectiva filosófica:

- toda a acção produz mudança/efeito;
- supõe sempre a existência de agentes de mudança;
- a acção supõe relação/comunicação/informação;
- a acção orienta-se ao futuro ou fins determinados.

Encontramos algumas categorias comuns na acção humana: os fins, efeito futuro e exigências de normas/regras orientativas. Para ser uma acção educativa teremos:

- estar dirigida a fins desejáveis;
- ser realizada por um ou vários agentes educativos;
- aplicar umas normas que transformem estados iniciais em estados finais mais optimizadores;
- ser um fenómeno interrelacional, comunicativo e interactivo.

A tendência ao conhecimento que tem toda a Fª, reclamamo-la para a Fª da

Educação, porque sem esse conhecimento profundo/crítico da acção educativa a dimensão praxiológica fica condenada ao fracasso. Quanto maior for o conhecimento dos fins/elementos da acção, maior será a possibilidade de êxito e de maximizar o sucesso do processo educativo, objectivo que pretende a racionalidade prática dentro da F<sup>a</sup> da Educação.

### 3.3 - A linguagem educativa: analítica, crítica e integrativa.

Recordamos que o terreno onde nos movemos é o da F<sup>a</sup> com as suas formas de reflexão filosóficas, quando abordamos as questões educativas, como uns curiosos pesquisadores da verdade que entranham. PLATÃO no "*Banquete*" dizia que a F<sup>a</sup> não é ignorância, nem sabedoria, nem despreocupação pelas coisas, nem atitudes cínicas, ela nasce sem pretensões, preocupada mais com as perguntas que com as respostas (porque do saber).

Fenomenologicamente descrevemos três aspectos interrelacionados no processo da moderna F<sup>a</sup>: analítica, crítico e integrativo. São momentos sistemáticos de reflexão filosófica que marcam o trabalho do filósofo da educação. WOODS (1976:17) atreve-se a dizer que a F<sup>a</sup> analítica é mais útil, merecedora da categoria de F<sup>a</sup>, mas não devemos menosprezar outras orientações, apesar da análise da linguagem educativa ser uma tarefa importante na procura de objectividade dos temas educativos.

Desde o positivismo lógico podemos estruturar dois tipos de análise, que fundamentam outras tantas F<sup>as</sup> analíticas:

a) - análise formal: análise predominante das linguagens das ciências (F<sup>a</sup> como auxiliar da ciência). Usa a lógica formal (CARNAP, POPPER, FREGE; QUINE,

etc.) com o critério primordial de verificabilidade das proposições (= uma afirmação só é significativa, quando pode ser verificada empiricamente no presente ou futuro). Esta análise pretende uma linguagem perfeita, técnica e científica à imagem estrutural do mundo.

b) - análise informal: análise do campo da ética e das ciências humanas. Usa a lógica informal (linguagem vulgar) com o critério da utilidade (WITTGENSTEIN), no saber para que serve e na procura de esclarecer o seu uso.

É indicada no tratamento dos temas educativos:

i) - linguagem não científica, mas da "*vida corrente*" utilizada pelos educadores (carga normativa/axiológica), que exorta à influência do "*meio cultural e natural*";

ii) - à volta da "*educação*" cruzam-se muitos interesses pessoais/sociais/políticos, etc., que exigem explicações claras: identificar os problemas linguísticos, anotar as palavras/expressões verbais, estudar os significados dos termos, os contextos/meios, etc.

A avaliação crítica dos conteúdos educativos determina uma habilidade para detectar na matéria de estudo os possíveis erros de raciocínio, recorrendo aos contextos para compreender o discurso educativo e abrir novos horizontes de respostas. Cada educador abre a sua "*janela*", olha os problemas da realidade educativa numa perspectiva integradora e sistémica (a educação é um sistema). Esta tarefa é mútua nos professores/alunos, em que os primeiros obtêm a sua F<sup>a</sup> sobre a educação, não transmissora ou proveniente dos "*livros*", mas das suas próprias práticas diárias.

#### 4 - FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO OU TEORIA DA EDUCAÇÃO?

É possível pretender fazer uma F<sup>a</sup> da Educação explícita em função do que pensamos ser a sua natureza/objecto. Depois de meio século de imensas publicações, não vemos claro qual é a sua verdadeira ocupação. Esta tarefa pode ser mais fácil se analisarmos os termos substantivos ("teoria" e "filosofia") à educação, como instrumento inicial de reflexão, mas sabemos que há mais dificuldades na análise de "FILOSOFIA" que de "Teoria". A unidade da diversidade das respostas sobre o que entendemos por "filosofia" está manifestada indutivamente na H<sup>a</sup> da F<sup>a</sup>. A multiplicidade de perspectivas na F<sup>a</sup> apresenta o próprio termo como totalidade possível.

A F<sup>a</sup> actual recolhe expressões como tendências/escolas filosóficas que caminhem por vertentes menos abstractas, mais concretas, aspirantes a um sentido crítico e fundamentador dos pressupostos/enunciados, por ex. a: fenomenologia, marxismo, estruturalismo, existencialismo, hermenêutica, psicoanálise, pragmatismo, personalismo, etc., umas consideradas como método, outras como atitude ou toma de posição das questões humanas, outras como doutrinas, etc., todas cumprindo o denominador de serem "F<sup>a</sup>s ou F<sup>a</sup>". Por isso, também encontramos nessas tendências/escolas filosóficas, umas "F<sup>a</sup>s" das que extraímos consequências educativas e outras verdadeiras "F<sup>a</sup>s da Educação".

Parece existir uma dimensão sintética do discurso pedagógico correspondente a uma unidade/sistema real de educação nos seus distintos saberes. KANT já entendia por sistema a unidade de múltiplos conhecimentos referidos a uma ideia, DESCARTES o "ego sum res cogitans" ou HUSSERL admitia que um sistema requer pontos de referência para arrancar. Desde PEIRCE, POPPER, passando por CARNAP, REICHENBACH, QUINE, JACOBSON, WITTGENSTEIN E CHOMSKY, houve a pretensão de reflectir

epistemologicamente sobre os saberes educativos.

Uma primeira diferença entre Teoria da Educação e F<sup>a</sup> da Educação poderia consistir em que a primeira é uma parte da "Pedagogia Geral/Fundamental" (PLAN-CHARD, 1975:107) que estuda a natureza, fins e os factores do acto educativo (mundo 1 e 2 de POPPER, 1991) enquanto a segunda opera com pressupostos metafísicos/teleológicos (mundo 3). Outra é que propõe GARCIA CARRASCO (1983:69-70) das proposições pedagógicas:

- i) - algo que deve ser conseguido (fins): F<sup>a</sup> da EDUCAÇÃO;
- ii) - existência de teorias científicas utilizadas no âmbito dos factos comprometidos pelas metas propostas: TEORIA DA EDUCAÇÃO;
- iii) - determina as sequências da acção, enunciados normativos que regulam as sequências de acção, cujos efeitos se incluem nos propósitos desejados: PEDAGOGIA GERAL OU FUNDAMENTAL.

#### O TERMO "TEORIA" QUE SIGNIFICADOS POSSUI?

1 - teoria como contemplação grega (FULLAT, 1988; NASSIF):

Teoria significa acção de ver/contemplar, "visão" das coisas, do homem e do mundo. No panorama pedagógico há duas ou três características fundamentais:

- a) - os conteúdos tratados pelas teorias de educação não estão codificados, por isso, são difíceis de integrar em temas educativos que apresentem problemáticas no educar do homem e do seu tipo de educação;

- b) - teoria opõe-se à prática educativa. Esta oposição necessita de fronteiras com uma série de normas/prescrições orientativas/organizativas à prática ou simplesmente serem áreas de actividades distintas;
- c) - a falta de reflexão epistemológica produz uma identificação frequente entre Teoria da Educação e Fª da Educação, devido a parecerem duas realidades semelhantes. Predomina o papel da Fª que define a "teoria" com carácter geral, assimilação da teoria da Educação pela PEDAGOGIA GERAL.

Este significado de "teoria" como actividade humana do contemplar, é externa a ela fundamentando-se em critérios epistemológicos rígidos.

## 2 - teoria como construção científica (O'CONNOR, 1971):

Influência dos filósofos da ciência na análise das teorias científicas. Os lógicos e os epistemólogos desenvolvem o termo "teoria" como construção intelectual ou trabalho científico, intentando descrever a realidade ou explicar os seus fenómenos. Esta conotação da "teoria" com as construções científicas provem dos neopositivistas considerando a Teoria da Educação como teoria científica, como o único tipo de teorias que origina maior significado/controlo cognoscitivo na prática educativa.

A explicação científica revela as características de:

- a) - explicação de regularidades (leis empíricas) reveladoras do sistema uniforme de fenómenos, pretendendo compreender com exactidão:
- i) - que a teoria interpreta os fenómenos e processos (leis);
- ii) - que as teorias podem não explicar sempre leis previamente estabelecidas;

- iii) - que as teorias predizem novas regularidades;
- b) - apoio das hipóteses/conjecturas entre as conexões dos fenómenos: inventadas e propostas ou comprováveis e aceitáveis.
- c) - teorias e leis devem especificar com clareza e precisão os processos na investigação.

Poderá a Teoria da Educação ser uma teoria científica?

Depende do "adjectivo" que colocamos ao conceito "teoria", por ex. a "teoria do ensino" é diferente da "teoria da aprendizagem" ou da "teoria da instrução", causando dualismo de base sócio-cultural. COHEN destaca três elementos fundamentais nessas teorias educativas: valor, ideal e o empírico, em que este último seria o mais válido na formação das teorias.

A teoria educativa não é uma teoria científica, considerando-se exagerado a posição de O'CONNOR. O próprio KNELLER (1970:169) assinalava que a "análise formal e particularmente o empirismo lógico, contribui a elevar o nível das investigações educativas, analisando a estrutura lógica do conhecimento exposto, reconstruindo cânones que a própria investigação deve observar". A educação não se enfrenta como "ciência pura", mas no âmbito da prática.

## 3 - a teoria como "teoria prática" (MOORE, T., 1983):

A teoria da educação opera como teoria prática:

"... a Teoria da educação refere-se num sentido estrito a um corpo de princípios e recomendações dirigidas aqueles que se dedicam à prática educativa" (MOORE, 1980:20).

Trata-se de uma teoria "recomendadora e prescritiva". Uma análise epistemológica aos supostos da teoria da educação origina:

- a) - suposto sobre os fins: a teoria geral da educação determina pressupostos valorativos;
- b) - supostos referido à "natureza" dos educandos;
- c) - supostos relativos à natureza dos "conhecimentos" e dos "métodos" a transmitir na acção educativa;

sentido de MOORE (distinguindo entre: teorias explicativas ou científicas por ex. o "conhecer/descrever e o explicar; teorias práticas que prescrevem os fins) a Teoria da Educação apresenta princípios/julgos práticos necessários ao "que se aprende e como se aprende de modo mais eficaz", por isso se fundamenta na prática educativa racional.

Concluímos sintetizando que:

**TEORIA DA EDUCAÇÃO:** teoria explicativa e global ("teoria tradicional" da Escola de Frankfurt) dos processos educativos, considerando estes a aprendizagem de informações, de atitudes, conhecimentos e habilidades. Os modelos sistémicos e cibernéticos (Teorias da informação, a teoria geral dos sistemas, a cibernética, as novas tecnologias) esclarecem a sua função;

**PEDAGOGIA GERAL** ou **FUNDAMENTAL:** teoria pragmática e globalizadora/sintetizadora dos processos educativos, manejando-os com sucesso/eficácia; teoria normativa dos comportamentos/atitudes dos educandos. MOORE denomina-a como "Teoria da Educação". Parte de pressupostos antropológicos ou antropogénicos, epistemológicos e axiológicos do sujeito ou da sociedade, exigindo formas metodológicas;

**FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO:** saber global, compreensivo e crítico dos processos/acções educativas, facilitada pelos pressupos-

tos antropológicos, epistemológicos e axiológicos, de modo a originar análises críticas.

## 5 - A Fª DA EDUCAÇÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

À Fª corresponde a tarefa emancipadora e de desmistificação de que a educação responda aos problemas humanos. Sabemos que este conceito de "educação", como acto intencional e sócio-cultural necessita de uma certa estabilidade de supostos (racionalidade, historicidade, intencionalidade formativa, etc.). Nesta dimensão actua a Fª da Educação (= Fª da Cultura) com o seu papel importante na formação de professores com modelos normativos (julgos de valor, as compreensões, imperativos pragmáticos e categóricos sobre os fins humanos, etc.) e modelos descritivos (propostas das ciências positivas e das sociais sobre o conhecimento do homem e dos "meios"). Não tratamos de formar bons ou maus filósofos, nem de tipos de educador (especialista, professor, educador, formador, pedagogo, mestre, tecnólogo, metodólogo) (DIAS, J.R., 1988:109-115), mas homens formados nos problemas humanos.

Os núcleos actuais da Fª da Educação discutidos ao nível da "Educação e Pedagogia" são: o homem, fins, valores, processo educativo, antropologia, axiologia e antropogénese (= optimização da formação concretizada pelo sentido da cultura). Podemos afirmar que o professor que não possua consciência do fim para/como educa e trabalha é um professor allenado. Cabe à Fª da Educação formar professores conscientes (consciência/inteligência crítica) nas suas acções/finalidades: empenho existencial/pessoal e filosófico na aquisição de valores/atitudes e decisões responsáveis e orientadoras das suas funções profissionais (deontologia profissional) de formar novas gerações.

O mais prático, seria "deixar-se de filosofias" e ensinar coisas úteis, mas uma pro-

posta assim, parece esquecer algumas perguntas fundamentais:

Em que consiste essa tarefa de ensinar? Porquê e para quê se educa? Apenas para aprovar exames, melhorar a nossa inserção social-económica ou ser um homem mais livre e solidário?

Falar de F<sup>a</sup> da Educação na formação de professores parece debater o "tipo humano de professor/educador", que desejamos ser: docente cumpridor (quê/como ensinar) que esquece o "porquê/para quê educa", executor eficaz nas programações/projectos e objectivos sem se interrogar pela "educação na/da sociedade" nos seus debates pedagógicos, etc. (como dizia T. ADORNO "formação", "pseudo-formação" ou "meia-formação"). Se no professor predomina a ideia de educação como liberdade (individual ou colectiva) poderá fazer homens mais livres, donos dos seus valores educados no pensar, neste caso, necessita do pensamento filosófico sobre a educação. PLATÃO no "mito da caverna" dizia que o conhecimento/consciência de estar prisioneiros, pode pôr em funcionamento o processo libertador (interior/exterior). A função é complexa e pode ser que a F<sup>a</sup> seja "inútil" em pretender apenas "libertar", em vez de inserir o indivíduo na sociedade.

Hoje a "educação" supõe um esforço permanente do homem para ser ele mesmo, libertar-se das "cadeias que o atam" nas diferentes situações: se queremos adultos que pensem, devemos educar crianças que pensem (KANT: "quem quer os fins, quer os meios"). A F<sup>a</sup> é imprescindível se desejamos que a "educação para aprender" se transforme numa "educação para pensar".

A pergunta pela utilidade da F<sup>a</sup> da Educação no ensino secundário deve apresentar-se num contexto amplo, que por um lado contemple a necessidade de incorporar as justificações teóricas válidas na função docente e proporcionar ao professor atitudes abertas/flexíveis assentes no pluralismo educativo (análise crítica dos enuncia-

dos/discursos e valores do sistema educativo):

"... desenvolver esta compreensão e capacidade deve ser o objectivo da Universidade, em vez, como acontece frequentemente, produzir doutrinamentos particulares de pontos de vista particular" (WOODS, R.G., 1983:12).

O exercício de reflexão criativo/autónomo sobre a educação e as implicações sócio-culturais e humanas, leva à F<sup>a</sup> da Educação a dar uma capacidade geradora de pensamentos: "fazer que o aluno pense por si mesmo". Assim devemos entender a F<sup>a</sup> da Educação no ajudar a pensar (linguagens/realidade), mais que transmitir os conhecimentos filosóficos. O seu objecto de análise é a "docência" (propósitos e alternativas), os elementos da relação pedagógica, dimensão pessoal/social dos currículos, papel do professor/educação nos contextos e na Escola, etc. Ao futuro educador exigimos reflexão crítica e integradora da informação/linguagem e solidária (sentido social de cultivo da racionalidade crítica e responsável).

## 6 - ALGUMAS CONCLUSÕES

A nossa proposta inicial era a de conseguir dar resposta a algumas questões à volta da F<sup>a</sup> da Educação. Podemos concretizar que ela é essencial para entendermos o "acto de educar" do homem e os respectivos problemas educativos (possibilidades e limites), por isso se embebe da presença da "F<sup>a</sup>" como raciocínio prático ou praxiológico do educativo. O objecto e conteúdos que aborda filosoficamente são:

- a) - questões antropológicas e antropogénicas;
- b) - questões sobre os fins/metas educativos;
- c) - análise da acção humana, os seus ele-

mentos e processos;

- d) - análise da linguagem/discursos das teorias pedagógicas e enunciados/proposições educativas;
- e) - análise metafísica/metateórica sobre o sentido, significado e funções da F<sup>a</sup> da Educação;
- f) - contributos da "racionalidade" histórica à "racionalidade prática" com um estudo às correntes filosóficas e dos autores relevantes no pensamento educativo.

Estas reflexões implicam exigências metodológicas, atitudes filosóficas em sintonia com a conceptualização da própria F<sup>a</sup> da Educação que é a "racionalidade prática" concebida no âmbito da teorização da acção educativa e processos, orienta-se e tem sentido na "práxis educativa". Daí, que a sua utilidade dirige-se a uma orientação à prática. Há quem discorde com estas funções da F<sup>a</sup> da Educação para a prática educativa, mas a racionalidade prática determina questões referentes a FINS e a VALORES.

Outra questão que apresentamos foi da diferença entre Teoria da Educação e F<sup>a</sup> da Educação. Sintetizamo-la nestes pontos:

- 1) - a F<sup>a</sup> da Educação e a Teoria da Educação não são intercambiáveis;
- 2) - nenhum dos sentidos do termo "teoria" (teoria como contemplação; teoria como construção científica; teoria como teoria prática) se ajusta à concepção de F<sup>a</sup>;
- 3) - o papel da F<sup>a</sup> da Educação é de ordem superior (compreender) o que se explica e descreve teórica e científico/tecnológico dos factos da realidade educativa. Uma maior análise fundamentada epistemológica e analiticamente nos supostos;
- 4) - admitimos que seja uma forma filosófica tal como a encaramos (tendên-

cia/doutrinas, métodos, atitudes, tomadas de decisão/solução,...) não se reduz à simples procura de valores/fins nem ao desejo coerente de unidade das Ciências da Educação ou da orientação interdisciplinar dos saberes, mas tudo que pertença ao panorama cultural do homem, dos paradigmas educativos ou dos modelos desde a reflexão antropológica e moral da educação.

A F<sup>a</sup> da Educação conduz-nos a uma "... forma de análise e compreensão das situações educativas, dando à acção educativa uma dimensão que outras ciências da educação não dão" (MIALARET, 1977:75).

Em relação ao seu contributo na formação de professores podemos dizer que a podemos inserir no marco da Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE) na formação contínua evidenciando nela a componente científico/tecnológica de formação (habilidades, conhecimentos, consciencialização das funções educativas, compromisso responsável com os alunos e sociedade/cultura, novas atitudes/valores, etc.), a componente metodológica (programações de objectivos) e a filosófica (ferramenta teórica e conceptual do conhecimento na procura dos horizontes pessoais/sociais e profissionais) inseparável do "mar cultural" da vida.

Reafirmamos a necessidade da F<sup>a</sup> da Educação, sem pretender que predomine sobre outras disciplinas ou matérias, mas paralelamente a estas pode ajudar a afrontar os problemas surgidos das mudanças constantes da realidade educativa. Contribui para que o ensino venha de uma autêntica experiência de formação humana. Ao futuro educador exigimos que vá ao encontro árduo e bonito de: "procurar a verdade como fundamento de uma vida mais humana, feliz, livre e solidária" (Padre Américo). Não pretendemos que a F<sup>a</sup> da Educação apareça nos currículos, mas devemos estendê-la aos alunos dando-lhes a possibilidade e alento da **reflexão rigorosa sobre a educação, ser pessoa, a cultura e do sentido social da sociedade actual**. Só, assim, o professor estará em condições de "compreender" as



suas funções e o próprio "acto de educar", como diz GADAMER:

"... é um caso especial da aplicação de algo geral a uma situação concreta e determinada" (1977:383), em que o seu saber prático (núcleo central da F<sup>a</sup> da Educação) reclama a presença constante de um saber ético-moral nas atitudes, nos conhecimentos e responsabilidades das acções pessoais/sociais/profissionais originando uma prudência pedagógica no tratamento dos problemas educativos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AVANZINI, G.**, (1978): *As Pedagogias do Séc. XX*, Moraes Ed..
- BREZINKA, W.**, (1978): *Die Padagogik der neuen Linken. Analyse und Kritik*, Reinhard, Munich.
- (1984): *Metateoria dell'Educazione...*, Armando Ed., Roma.
- DEIGHTON, L.G.** (dir), (1971): *The Encyclopedia of Education*, MacMillan - Free Press, N. York.
- DEWEY, J.**, (1968): *La Ciencia de la Educación*, Losada, B. Aires.
- DIAS, J. R.**, (1988): *Man as the highest value in education. Philosophy of Education*. East-West: Bridge of gulf?, Országos, Budapest.
- ESCOLANO, A.**, (1978): *Las Ciencias de la Educación*. Epistemología y Educación, Sígueme, Salamanca.
- FULLAT, O.**, (1979): *Filosofías de la Educación*, CEAC, Barcelona.
- (1988): *F<sup>a</sup> de la Education*, Ed. Vicens-Vives.
- GADAMER, H.G.**, (1977): *Verdad y Metodo*, Sígueme, Salamanca.
- GARCÍA CARRASCO, J.**, (1983): *La Ciencia de la Educación*, Santillana, Madrid.
- LYOTARD, J.F.**, (1984): *La Condition Postmoderne*, Ed. Minuit.
- KANT, E.**, (1966): *Réflexions sur l'éducation*, Vrin, Paris.
- KNELLER, G.F.**, (1970): *Introdução à F<sup>a</sup> da Educação*, 5<sup>a</sup> Ed., trad. Álvaro Cabral, ZAHAR Ed., R. Janeiro.
- MARTINS, E.C.**, (1991): *O conceito de emancipação como uma nova meta educativa na formação humana*, I Conferência Nacional de Formação de Professores, E.S.E. de Faro de 5 a 7 de Dez./91, comunicação.
- MIALARET, G.**, (1977): *Ciências da Educação*, Moraes Ed..
- MOORE, T. W.**, (1983): *Introducción a la teoría de la educación*, Alianza Ed., Madrid.
- (1987): *Introducción a la F<sup>a</sup> de la educación*, Alianza Ed., Madrid.
- O'CONNOR, D.F.**, (1971): *Introducción a la F<sup>a</sup> de la Educación*, Paidós, B. Aires.
- PAGE, G.T & THOMAS, J. D.**, (1979): *International Dictionary of Education*, London, Kegan Page.
- PETERS, R.S.**, (1969): *El concepto de education*, Paidós.
- (1977): *F<sup>a</sup> de la Educación*, F.C.E., México.
- PLANCHARD, E.**, (1975): *A Pedagogia Contemporânea*, Coimbra Ed..
- POPPER, K.**, (1991): *Sociedade Aberta*, Universo Aberto, 2<sup>a</sup> ed., Publ. D. Quixote, Lisboa.
- REBOUL, O.**, (1980): *Qu'est ce qu'apprendre*, PUF, Paris.
- (1981): *La Philosophie de l'Education*, PUF, Paris.
- (1984): *La Langage de l'Education*, PUF, Paris.
- ULLICH, R.**, (1961): *Philosophy of Education*, American Book.
- WOODS, A.**, (1976): *Introducción a las Ciencias de la Educación*, Anaya, Salamanca.

# UMA RELAÇÃO DE CONFIANÇA

Você

e



**Garantia de um negócio seguro**



**Nashua**



**CASIO**



**International**

**ESTAMOS ONDE FOR PRECISO**

Largo dos Mercadores, 2 - Telef. (066) 27243 - Fax 27243 - 7000 ÉVORA